

opinião que de gosto, de temporamento artístico. O que bem claro m'o revela é a peregrina declaração de Olavo — que os altos arrojões o não commovem em poeta nenhum.

Juro que não acredito. Não pôde ser; um poeta de tanta commoção como Olavo não pôde ser o impassível que se mostra...

Mas, valha-me Deus! ou não estou agora julgando o meu estimavel interlocutor, o tenho o dever de o aceitar com as opiniões que declara.

Vá lá, aceite; é um impassível. Desde então, meu ardente Castro Alves, meu magestoso poeta vulcanico, nada tens que esperar da admiração d'este estudante de S. Paulo! Afflige-te a sorpresa, não é? — pois já existe em S. Paulo um estudante que te não admira! Como vão longe as noites gloriosas em que do teu camarote, no velho barracão do S. José, electravas a sala com a tua larga recitação magnifica!

Outros eram os tempos; havia na alma do teu auditorio um fronte de entusiasmo republicano e romantico; tinhamos todos nós os ouvidos voltados para os lados de França, e de uma pequena ilha do Mar da Mancha, onde era a Merca do nosso Propheta, viaham-nos, pelos ventos da imprensa, os clangores dos Chantiers e os arrulhos das Chansons des rues et des bois...

Com o tempo, devorador dos deuses, outros deuses vieram... Veiu um soubriço usceta da Arte, um grande calvo d'alma de marmore, e lançou os Poemes Barbures os Poemes Antiques, os novos Evangelhos — do objectivismo impassível.

Passou a religião dos grandes entusiasticos, das fogosas paixões humanitarias: agora, Rouget de Lisle é um selvagem sem arte, o trompa do Hernani faz mal aos nervos, o collete de Gauthier ou a blusa de Hugo seriam apupados, e Baudin, se morresse agora numa barricada, ganharia, além dos seus vinte e cinco francos diarios, o epitheto de idiota.

Ora conversemos claramente, meu caro Olavo Bilac. Você carregou um pouco a mão no credito que eu confessei n' favor de Gonçalves Dias: eu não disso, puro e simples, que a forma d'este poeta excede incomparavelmente a do Castro Alves.

A minha confissão foi qualificada, como ali dizia, na cadeira de Pratica, o velho mestre Ramalho.

Tem restricções. Eu escrevi, textualmente, isto: « Quanto á forma, já cumpre fazer uma distincção: na tocante á riqueza e correcção da linguagem é indispitavel que o vate maranhense excedeu incomparavelmente ao poeta bahiano » e pouco depois: « mas quanto á arte do verso, aos segredos da metricação e da rima, não vejo que o Castro seja inferior ao Dias... »

Eu vou insistir na distincção para que não pareça absolutamente que fiz tamanha concessão, como você disse, em detrimento de Castro Alves.

Riqueza e correcção de linguagem, dotes que seria estulto desconhecer em Gonçalves Dias, são antes predilectas geraes de escriptor, que superioridades de poeta. O cantor de Y-Juca-Pirama conhecia mais do que Castro Alves a lingua portugueza, a sua grammatica, o seu vocabulario; mas com estas vantagens não conseguiu effeitos artisticos mais bellos que os produzidos pelo vate bahiano.

Muito de industria, não levando a reclusão que Bilac faz n' favor de Raymundo Correa e Alberto de Oliveira no ponto da correcção de forma. Evito, quanto posso, dar opinião a respeito de companheiros com quem convivo.

Chegamos, porém, ao mais grave da nossa divergencia.

Olavo entende que mais original do que Castro Alves, « bello talento influenciado constantemente por V. Hugo, Byron e Musset, » foi Gonçalves Dias, « que n'uma epocha de deparamento litterario, deu novos moldes á poesia brasileira, seguindo caminho nunca seguido, transportando para seus versos uma natureza até então nunca dignamente celebrada, e eternizando uma raça inteira, com todos os seus ritos e com toda a sublime poesia... »

Vê-se que é o indianismo do Dias, o que mais, em sua obra, impressiona e maravilha a Olavo Bilac; essa é a originalidade do maranhense, que o torna superior ao discipulo de Hugo, Byron e Musset; mas — e creio que n'este conceito vou ter a adhesão do maior numero — a poesia indiana, excepto toda-

via o Y-Juca-Pirama, não é n' mais notavel da obra de Gonçalves Dias, nem é essa a sua poesia mais popular e mais querida.

E que o fosse! que realidade tem, nos nossos costumes brasileiros, o indianismo cantado por Gonçalves Dias? Sabe-se que nunca a raça indigena se fundiu com a nossa; vive, como sempre viveu, segregada da nossa civilização, que detesta; raras são as tribus que entram em commercio commoço, mas essas proprias em nada influem nos nossos costumes; antes, deixam-se modificar por elles.

Diga-se, pois, em elogio de Gonçalves Dias o que se quizer, menos que ha cor local, brazilicismo, em seus versos. Cantou uma raça que é a nossa, em portuguez vernaculo e polido, como podia ter feito qualquer outro poeta da nossa lingua — sem necessidade, sequer, de ter vindo ao Brazil.

Muitissimo mais brasileiro é o incomparavel Varella; nem ha, em toda a nossa poesia, nenhuma outra producção com a encantadora cor local que se admira na Mimosa, poema da roça, e em versos esparsos da Juvenilia, dos Cantos Meridionaes e dos Cantos do Ermo e da Cidade.

Brazilero, sim, é, muita vez, Castro Alves, não só pela pujança verdadeiramente americana de sua inspiração portentosa, como ainda pelo proprio colorido dos versos, pela linguagem, pelo tom, pelo sentimento.

Leia-se, para exemplo, a Tyrana da Cachoeira de Paulo Afonso:

Minha Maria é bonita,
Tão bonita assim não ha;
O beija-flor quando passa
Julga ver o manacá.

Minha Maria é morena;
Como as tardes de verão;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

Companheiros! o meu peito
Era um ninho sem senhor;
Hoje tem um passarinho
P'ra cantar o seu amor.

Trovadores da floresta!
Não digam a ninguém, não!
Que Maria é a baouilha
Que me prende o coração.

Quando eu morrer só me enterrem
Junto ás palmeiras do val,
Para eu pensar que é Maria
Que geme no taquaral...

Confessem, meus senhores, confesse, em boa fé, o proprio Olavo Bilac, que isto não tem nada de Hugo, nem de Byron, nem de Musset, e que é muito mais brasileiro e muito mais bello do que as insulsas quadrinhas, não sei porque tão populares:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Valença, 20 de Maio,

LUCIO DE MENDONÇA.

PAGINAS ESQUECIDAS

FERREIRA DE MENEZES

Disse um jornal de Campos, creio,
— A situação não vem ao caso: —
« Seria um Girardin, se acaso
Nascido houvesse n'outro meio, »
Pois imagino — e muito bem —
Que elle, apesar de tão modesto,
Seria um novo Girardin,
Se este grande homem fosse honesto.

1881.

ARTHUR AZEVEDO.

Escrevo chorando.
Jámais peguei da penna tão tremulo,
nem tão desnudado.

Este golpe inesperado deitou por terra todo o castello de alegrias que eu levantára sobre a mesn de trabalho, onde um maldito jornal foi levar-me a terrivel nova.

Eu não era das relações intimas de Ferreira de Menezes, o que não impedia que o admirasse e estimasse muito, e

que fosse tambem muito estimando por elle.

Por isso, quando soube da enorme desgraça, cahiram-me as lagrimas sobre o papel e um frio de morte penetrou-me o cerebro.

E mal seguro, n'ardendo ainda, começo a escrever, pela primeira e, inda mal! pela ultima vez, os meus sentimentos para com o grande morto.

Não ha muitos dias, elle escrevia, a proposito de um boato de que morreria a sua folha, a Gazeta da Tarde: — « Vivemos e viveremos! »

O misero!

Havia muito tempo que o tomára um funebre desanimo: — a previsão do seu proximo fim.

Em tudo o que sahia da sua penna — perlas e flores — esvoaçava como um crepe aquella idéa lugubre. Chasqueavam delle quando o artigo de combate, contra a desmoralização e o crime que empestam a corte, dizia aos miseraes que o ameaçavam: « Tirem-me este resto de vida. » E abamvnu-o sentiueualista pigas!

Elle bem sabia que morreria breve. Dizia-l'bo o seu enorme coração, pelo qual viveu sempre e que o nutiu!

Ha quatorze dias apenas enterrara-se a mãe dos seus filhos, a esposa que elle amava e que lhe abriu o caminho da Tréva.

Depois deste golpe fóra-se-l'bo toda a esperança, aguardou resignado e serenamente a sua vez.

A biographia deste grande nome ficará completamente traçada nestas tres palavras:

« Foi um coração. »

Se o seu talento era immenso, o seu coração era maior ainda. Ferreira de Menezes, desde que poz pé na vida publica, apresentou-se armado sempre de uma lança heroica: — a sua penna de ouro — e de uma fraqueza sancta: — a força do seu coração. Em todos os seus trabalhos revelava-se sempre um homem vigoroso e por vezes violento mas sempre sempre — um homem bom.

Basta lembrar que nunca se serviu no fóro, do seu talento para accusar, que sempre se sacrificou pelos que soffrem e choram que fundou um jornal, que o prejudicou muito, com este abençoado intuito — combater a escravidão, annihilal-la.

O grande movimento abolicionista que corre hoje como um Gulf-stream do norte a sul do imperio teve um dos seus nascidoiros na folha de Ferreira de Menezes, que tudo sacrificou ali; saude, fortuna, relações, em prol da santa cruzada. Bateu-se como um leão, forte, sanhuído, bravo, mas generoso, bom, magnanimos.

Todas as causas nobres e justas tiveram sempre em S. João Evangelista em Ferreira de Menezes. Bateu-se sempre por ellas, u peito descoberto, lealmente, valorosamente.

Não soube torcer nunca.

E se alguma vez quebrou-se a rijeza do seu caracter, foi como se quebra ás vezes o crystal ao contacto de uma gottá gelida: — quebrou-se ao fogo de uma lagrima.

Se alguma vez peccou gravemente, juro-o na fé de todos os que tiveram a fortuna de conhece-lo, foi por fraqueza de coração.

Era um Bayard com um coração de pomba.

Aquelle homem rugia como um leão, mas chorava como uma criança.

Quem tem lido e estudado cuidadoso os productos do seu soberbo talento, hoje evaporado nas cellulas frias do seu cerebro inerte, tem por certo notado que todos elles, juridicos ou litterarios, politicos ou sociaes, transmitem uma bondade d'intenção, uma brancura d'intuito admiraveis!

Desde a Academia, esta mesma que ainda hoje se ufava de tel-o acalentado, começou a rutilar o grande sol do seu talento, que começou desde logo a ser admirado e respeitado.

E tal força de luz e de calor foi ganhando, que por fim o seu nome era popularissimo, coroado sempre pela admiração e recebido com entusiasmo em toda parte.

No Jornal do Commercio e na Gazeta de Noticias sua penna burilou folhetins bellissimos, que são das melhores paginas daquellas folhas, a Gazeta da Tarde é um escriptor precioso da fecunda e inextinguivel riqueza do seu cerebro e do seu coração, allí derramados, profusamente, dia a dia, e cada vez mais opulentos.

O abolicionismo perdeu em Ferreira de Menezes o seu meenas, pois abolicionista algum se bateu ainda com tanto sacrificio contra a escravidão como Ferreira de Menezes.

Como politico, n'brnço e defendeu sempre com immaculada valentia as idéas democraticas.

Seus inimigos, pois os teve, o que prova que era um forte e um precioso, pois só os fracos e os nullos não o tem, seus inimigos podem boquejar assaltos á honradez do seu caracter politico; não poderão, certamente, declinar factos que o deshonrem.

Não transigio nunca com os seus principios.

Inimigo implacavel da escravidão, atacava-a fosse qual fosse a sua cor ou a sua especie.

Recompensava-se bastantemente com a satisfação intima da sua consciencia, com a convicção de haver feito bem, Altivo, independente e rispido, repellio sempre as ameaças e as peitas.

Seu camuho era em linha recta; se alguma vez affastou-se della, foi para dar uma esmola ou curvar-se a um soffrimento.

Seus grandes merecimentos, suas elevadas e preciosas qualidades absolvem-o fartamente dos defeitos que teve, das faltas que commetteu.

Os innumeros beneficios que espalhou, as grandes e sagradas batalhas que venceu, rocommendam-o ás gerações porvindouras como um levantado padrao de gloria e de exemplo.

Seus filhos podem uzar no futuro, com orgulho, do nome de seu pa, como um broquel de aço fino ou uma venera de diamantes, ao peito.

Seus filhos!

Miseras creanças!

Mal sabem ellas a desgraça horrivel, que duas vezes a ferio. Sorriem talvez agora, brincam alegres e descuidadas, ignorantes de que estão sós no mundo, sem sol, sem arrimo, sem religião, quasi sem Deus. Quando elle deixou-as para ir abraçar o seu velho amigo Duque-Estrada Teixeira, mal pensava que jámais as tornaria a ver! Contava, ir para a Alegria e ia para a Morte!

Morreu cercado de amigos, de flores e de musicas, serenamente, com uma confiança desesperada e uma tristeza lancinante.

Quando agonizava a orchestra executava a musica indigena do Guaranype elle sentindo-a dentro do peito, como a marcha da Yone ou um badalar a fados, pediu que a fizessem calar... Depois expirou.

E com elle uma ametade do jornalismo brasileiro.

Noticiando o passamento desse homem illustre, o Jornal do Commercio, que elle tantas vezes illuminou, não teve uma palavra de elogio, um adjectivo de magoa, uma phrase de justiça para lamentar a horrivel perda.

Não teve sequer duos filletes negros nos caixotins da sua typographia para laçar aquelle nome illustre.

Disse por todo elogio: « O finado era um dos proprietarios e director da Gazeta da Tarde. »

Quanto a mim, dobro um joelho nesta parte do jornal (*) que foi o reino e o firmamento daquelle rei morto, e daquelle planeta apagado...

E como os soldadoes ante o cadaver, do seu general, ponho a penna em funeral ante os eagrados despojos de Ferreira de Menezes.

Dou pezames ao jornalismo do Brazil, que acaba de perder o seu melhor folhetinista e mais vigoroso e original lutador.

S. Paulo, 8 de Junho de 1881.

VALENTIM MAGALHÃES.

(*) Este artigo fóra publicado no rodapé do Correio Paulistano de 9 de Junho de 1881.

V. M.

Ja em meio o combate. A turbida esplanada Tremia sob os pés das hostes em campanha, Enorme perspectiva! Além, como asustada, Olhava de travez a face da montanha.

Havia já tombado a noite bruta e immensa, E, muito ao longe, ao ver na ferida batalha Os canhões detonando em meio á treva densa, Dir-se-ia de um cyclope a rubida fornaha.

Nesse instante foi visto um forte combatente
Vacillar e cair.—Eras tu, baquaste!
Mas não perdeu-se a calma: ia a polejar ardente
E era mister seguir a luta em que tombastes.

Lerantámo-te, pois, a bandeira da terra;
Murmurámo-te o adeus; e, ainda com voz presa,
Soluçamos: Avante! — E os esquadrões de guerra,
Marcharam novamente ao som da Marselhesa!

1881

SILVESTRE DE LIMA.

PLAGIOS E PLAGIARIOS

II

Se por ventura lá no «etherco acento», na tranquilla apothose eterna da Gloria, chegassem echos de accusações de plagio do genero das que hoje é moda fazerem-se aos proeadores e poetas que, fortuita ou consiente, apreentam semelhança ou identidade em alguns dos seus assumptos ou pensamentos com outros, anteriormente vindos a lume; se tal pudesse acontecer, muito teriam de rir-se os grandes Mestres, os immortaes poetas e prosadores de todos os seculos e paizes!

Como haviam de divertil-os esas ingenuas indignações, a simplicidade palurdia de taes espantos!

E' que todos elles adaptaram, traduziram, paraphrasearam, desenvolveram, imitaram, plagiaram, copiaram, furtaram despejadamente—idéias, assumptos, planos de obras; palavras, phraseas, versos, estrophes, cantos; períodos, paginas, capitulos inteiros!

Uma pilhagem desbragada, geral, uns dos outros e todos dos seus antecessores; pilhagem exercida não só no terreno illimitado e neutro da Idéia, como nos dominios pessoas e demarcados da Forma.

E' certo que nem todos tinham a rissonha petulancia de Montaigne, que dizia aos que criticavam acremente as suas obras: «Olhem que Vocês, pensando bater no meu nariz, estão atirando pelotadas ao nariz de Seneca!» nem a lealdade de Molière, que confessava: «*J' prends mon bien ou jè le trouve.*» Nem por isso, contudo, caçavam moncos nos mattos dos visinhos.

E' curioso e conveniente apresentar, de fugida, alguns exemplos d'essa verdade, apontar os mais desembracados d'esses plagiarios immortaes e alguns dos seus respectivos plagios, para ensinamento dos ignorantes filiauciosos que têm a lingua facil para navalhar e a mão leve para apedrejar os escriptores modernos de notavel merecimento pelo crime de, voluntaria ou involuntariamente, terem se aproveitado de alheios pensamentos, ou imitado, ou paraphraseado, ou plagiado mesmo (*Irrá! láchons le mot!*) lanços, episodios, detalhes de obras de mortos ou vivos collegas.

Por qual começar: Shakespeare, Molière, Corneille, Racine...?

Começemos por Shakespeare, ou Shakespeare, como quer notavel tratadista inglez (1). Elle é uma das culminancias mais altas e veneradas do Pensamento Universal.

Pois bem; Shakespeare copiou Montaigne em uma passagem da *Tempestade*, na conversação entre Gonzalo, Antonio e Sebastião. As palavras de Gonzalo são uma imitação palpavel de uma passagem do 1º livro, pag. 102 das obras de Montaigne.

(1) Frederic Madden: *Observations on an autograph of Shakespeare and the orthography of names*, 1838.

Florio, que traduzio este auctor para inglez, era provavelmente conhecido do grande tragediographo, e diz a tradição que foi elle o prototypo de Holofernes, o mestre de escola, em *Peines d'amour perdues*. (2)

Emile Montegut, outro traductor de todas as obras do auctor do *Hamlet*, demonstra que em sua grande maioria não são originaes, indicando as verdadeiras fontes.

A esse respeito, a curioso e paciente trabalho entregou-se o critico ioglez Malone, que em 6.043 versos de Shakespeare contou 1.771 que pertencem a predecessores do grande poeta; 2.373 apenas modificados por elle, e sómente do resto—1.893—não pode attribuir a paternidade senão ao proprio Shakespeare — «talvez por falta de elementos para descobrir os verdadeiros paes»; diz o commentador.

Vejamos agora alguns dos grandes e dos maiores, dos immortaes escriptores francezes.

Voltaire, além de outros plagios, plagiou de Parnell, auctor ioglez, então quasi desconhecido, o capitulo *L'hermite* do romance *Zadig*, plagio descoberto por Fréron. (3)

De Voltaire — por quem foi d'isso acremente accusado — plagiou o padre Barre, inserindo na sua *Historia da Alemanha* cerca de duzentas paginas da *Historia de Carlos XII*.

Racine, estreitando-se no theatro, mettea na *Thabaida* trechos da *Antigona*, de Rotrou; mas excluiu-os da obra impressa; e, além de se haver inspirado copiosamente no theatro grego, imitou Rabelais, que tambem foi imitado por Molière e La Fontaine.

Molière imitou Scarron, Plauto, (de quem tomou algumas scenas do *Avaro*) Tirso de Molina (que lhe forneceu a idéia de *D. Juan*) e aproveitou o enredo de varias peças italianas.

Corneille foi buscar ao theatro hespanhol a idéia, o plano, a disposição geral, e detalhes mesmo, de muitas de suas peças em obras de Guilherme de Castro, (de quem aproveitou muitos elementos do *Cid*, que Castro havia imitado de Diamante), Calderoo e Ruys de Alarcao. De Calderon encontra-se este pensamento em uma passagem de *Heracles*:
«*O malherdeu Phocas, o trop heroux Maurice,
« Tu retrouves deux fils pour mourir après toi!
« Je n'en puis trouver un pour regner après moi!*»

Montaigne, plagiado por Shakespeare, plagiava impudentemente Seneca e Plutarcho.

Boileau imitou Juvenal e Horacio. De La Bruyère, Saint-Evremond, Lamotte-le-Vayer, Fontenelle, Bayle, Montaigne e Pascal (principalmente estes ultimos) contam-se numerosos plagios.

O proprio Bacon, o grande Bacon, não conseguiu escapar á accusação de plagio; pois que alguns escriptores dizem haver elle bebido o plano, as idéias e os intuitos do seu livro *Argumentis scientiarum* em um livro de Luiz Regius, (conhecido por Le Roi,) intitulado: *Traité des vicissitudes des sciences*.

E Alexandre Dumas? Na sua obra monumental encontram-se profusamente idéias, enredos, paginas, largos trechos de obras de muitos escriptores. (4)

(2) François Michel, *œuvres complètes de Shakespeare*: prefacio.

(3) Ch. Nodier *Le plagiat*, («*Questions de littérature légale*»). Em appendice a esta obra juntou o auctor as provas d'este e de outros plagios, confrontando os trechos referidos de uns e de outros escriptores — plagiadores e plagiados.

(4) Consultar, além dos auctores citados, em que colhi estas notas, o livro de Quérard *Supercherie littéraire*.

E Sardou? Este, então, creio que não tem nehumuma peça de que se não hajam descoberto dois ou tres paes legitimos — pelos meaos.

Mas não quero tractar de escriptores modernos e que não tenham já recebido do Tempo o baptismo da Gloria e da immortalidade.

Baetam os exemplos referidos.

III

Influo, porventura, na reputação d'aquelle escriptores, o não haverem elles construido sempre as suas obras sobre alicerces proprios, terem aproveitado algumas pedras de lavra alheia, ou adornado as paredes com quadros por outrem esboçados, ou incluido entre as estatuas, que enriquecem os peristilos, algumas esculpidas por antecessores d'elles?

Não. Na obra monumental de Shakespeare, de Molière, de Corneille, de Racine, de La Fontaine, de Voltaire, a Critica, a grande Critica, a do tribunal da Posteridade, que é de ultima instancia, não vai procurar as pedras, os materiaes alheios de que esses grandes constructores litterarios se utilisaram algumas vezes, para com elles apedrejar-lhes os nomes e a gloria. Nem mesmo poderia fazel-o, porque esses materiaes, entrando naquellae construcções enormes, impereciveis, tomaram o character dominante da architectura, confundiram-se com os outros, receberam o cunho da personalidade do auctor, passaram a pertencer-lhe por esta especie de posse litteraria, que cria direito inesbulhavel — a posse do Genio.

Mais do que ocioso, — ridiculo, seria accusar um escriptor que se impõe ao seu tempo, que cria na litteratura do seu paiz obras que nella se arraigam e permanecem como as montanhas ao sólo; um d'esses mestres do Estylo, um desses privilegiados levitas que têm a faculdade rara de poetrar no *Santus-sanctorum* da Forma; ridiculo seria accusal-o de haver colhido algures um pensamento, ou muitos; de haver desenvolvido assumpto já explorado; de haver imitado ou completado obra alheia.

Ocioso e ridiculo, indigno de um verdadeiro critico seria isso, porque esse trabalho antipathico, mesmo baseado, irrefutavelmente, sobre as provas, sobre o «corpo de delicto», não conseguiria damnificar a reputação do escriptor, nem mesmo quanto á parte accusada da sua obra, pois já a admiração publica teria completado a appropriação feita pelo estylo, pela forma, pelo poder artistico do escriptor; e toda a sua obra já se teria tornado unicamente sua.

Nem a originalidade escrupulosa aproveita aos mediocres, nem a imitação, o proprio plagio, prejudica os escriptores de primeira ordem, os predestinados á gloria.

Para exemplo, Scudery, o auctor de *Alarico*, de que Boileau foi *cabrion* implacavel. Ninguem mais do que elle condemnou o plagio e censurou os plagiarios e imitadores, especialmente de auctores modernos. No entanto, Corneille e os outros censurados por Scudery, immortalisaram-se, ao passo que d'este não ha mais quem se leohre. Quem lê hoje *Alarico*?

Isto levou Nodier (5) a dizer que mais vale furtar como Corneille a inventar como Scudery.

(5) Obr. cit.

A originalidade de um escriptor não está, portanto, na invenção absoluta de todos as suas obras, não consiste na criação do pensamento, das idéias; está na maneira por que elle tracta o assumpto, velho ou novo; consiste em imprimir a idéias, suas ou de outrem, o character peculiar do seu temperamento artistico. Em uma palavra: a originalidade está no estylo, entendido este vocabulo no seu mais amplo sentido, como o entente Eugenio Veron; isto é: a *maneira propria* de pensar, de sentir e de exprimir idéias e sentimentos, como resultante d'aquillo que Burger chama a *lei de separação* (6)

Diz aquelle escriptor:

«Em cada momento da evolução das sociedades ha um certo nivel geral que constitue nesse momento a media da alma humana. As obras que a ultrapassam supponem o talento ou o genio, seguindo esta superioridade é mais ou menos accentuada, e, sobretudo, mais ou menos espontanea. Consiste a mediocridade em *atingil-a, sem ultrapassal-a.*»

«O artista mediocre, pensando e sentindo como todo o mundo, nada tem que o separe da multidão. Elle pode ter uma certa maneira, isto é: um conjunto de processos que lhe sejam proprios, mas não pode ter estylo, no exacto sentido da palavra. A habilidade não faz o estylo.» (7)

Segundo a conhecida e maxima definição de Zola, a obra artistica é um canto da Natureza visto através de um temperamento. E haverá por ventura *canto da Natureza*—inexplorado, virgem? Certo que não. Mas tal é o poder do temperamento artistico que os mais batidos e frequentados cantos da Natureza, os *ocus logares communs*, transformam-se através d'elle, renovam-se, *originalisam-se*.

Zola não disse «um canto novo, desconhecido da Natureza»; disse simplesmente «um canto da Natureza.»

Segundo o grande Taine, o fim da arte é manifestar o *character essencial* ou um character importante do objecto, fazendo com que esse character, que em a Natureza é *dominante*, passe a ser *dominador*. (8)

Isso coesegue o artista pela sua maneira propria de pensar, de sentir e de produzir.

Quando se encontra em um escriptor um pensamento que não é d'elle, que anteriormente fora explorado, o cuidado primeiro do critico deve ser verificar se o dicto escriptor conseguiu despir esse pensamento de toda a forma que tinha anteriormente e vestil-o com a sua forma, com o seu estylo, transformando-o, *personalizando-o*.

E' por essa razão que ninguem chama plagiarios aos grandes escriptores, cuja originalidade inventiva na segunda parte d'este trabalho rapidamente estudei; é porque elles, quando não crearam o que inventaram, *crearam* o que inventaram os outros, dando-lhe a luz, o movimento, as cores, o som, a vida, enfim, do seu estylo, do seu temperamento.

Donde se conclue que os citados immortaes auctores, comquanto houvessem sido imitadores e plagiarios — no sentido stricto e vulgar do vocabulo, — foram, são e continuarão a ser, por muitos annos o bons — os escriptores originaes.

VALENTIM MAGALHÃES.

(Conclue no proximo numero).

(6) Eng. Veron. *L'esthétique*. Cap. VIII.

(7) Obr. e cap. cit.

(8) H. Taine; *Philosophie de l'Art* I parte, § v.

A SEREIA

BALLADA

MUSICA DE FRANCISCA GONZAGA

COMO FANFAROLA

armonioso

La * La * La * La * La * La * La *

Para um dia um mar - chei - ro que fiz con - ao vi - a - var

p dolce *uma corda*

La * La * 2 La * La * La * La *

com uma fi - lha pe - que - ni - na co'uma filha por erro - Sem a - mi - gos sem parentes Só tendo um barco de

p *rall* *pp*

La * La * La * 2 La * 2 La * La * La * La * La *

seu de seu O pobre homem coitado Não sei naosei como não morreu Não sei naosei como não morreu

pp *sordina* *f* *pp* *armonioso*

La * La * La * La * La * La * 2 La * La * La * La * 2 La

coitado coitado Não sei como não morreu

f *pp* *f* *rall* *a tempo*

* 2 La * La * 2 La * La * La * 2 La * 2 La * 2 La * 2 La * 2 La * 2 La * La * La *

UMA CARTA DE E. FREIRE

Do vornaçulo proasador e inspirado poeta Ezequiel Freire foi honrado com uma esplendida carta ácerca do trabalho que nesta folha vou a concluir eob o titulo *Plagios e Plagiarios*.

Inserindo-a gostosamente, em seguida a estas linhaas, e agradecendo-lhe por mim e em nome de Raymundo Corrêa a valioza interferencia do seu parecer e aa amaveia couaa que de nós escreve, peço-lhe venia para uma observação, para mim relevante:

Vem a eer que eu não eatou em polemica com o Sr. Luiz Murat, que não lhe eatou respondendo, que não accetei, enfim, o répto que, ao que parece, elle me atirou.

Encetei e levo por deante esse referido trabalho eem me preocupar com o que o auctor dos *Quatro Poemas* escreva ou possa escrever a respeito.

De bom grado eu teria accetado com elle a polemica, se esta noveesse sido proposta em termoa que me permittessem acceptal-a.

Tracei o meu desvaliozo mae sincero trabalho antes da serie de artigos contra Raymundo Corrêa publicados em um diario d'esta Capital, e o continúo e concluirá segundo o plano anteriormente esboçado, de forma a lhe dar um elevado caracter de obra aerea, sincera, desapaixoadada, de intuitos puramente litterarios.

V. M.

MEU CARO VALENTIM. — Subscreevo, alegremente, o artigo que inseriste no nltimo numero d' *A Semana*, em defasa de Raymundo Corrêa.

Isto não é uma interferencia minha na antipathica polemica litteraria, oriunda da injudiciosa accusação de Luiz Murat; seria intempestiva intrusão, a ninguem aproveitando, pois vae correndo o debate entre os mais competentes.

Especero confiante que descesse á liga, anteparando a Raymundo com o broquel da tua auctoridade litteraria. Fizeste-o galhardamente. Desopprimete-me do pozar de ver que a injuria atrada ao querido poeta era caviliosamente apadrinhada pelos teus desaffectos, que começaram a involver no mesmo odio e a macular com as mesmas palavraa a ti e ao grande (porque não?) orchestrador das SYMphonias.

Fizeste a Raymundo a melhor defese que podias fazer-lhe, nesta odiosa questão: reproduziste mais uma vez o seu admiravel, o magnifico soneto — As ROMANS.

Confrontando os inexcadiveis versos de Raymundo com as tres phraseas da prosa de Gauthier, rebuteeste efficazmente a accusação de plagio, sobre aquelle lançada por Luiz Murat, (aliás poeta que muitissimo aprecio, tanto talvez como ao accusado; pois são artietas, embora de temperamento diverso, — primorosos embos.)

Não te acompanho nas altas indagações de critica litteraria, de que vem cheio teu bem elaborado artigo; direi apenas — Quem sobre uma alheia phrase de prosa elegante rendilha os envolvidos versos d'as FOMBAS, quando não se lhe possa dizer: — « Eis um poeta original! », deve-se-lhe, ao menos, clamar: — « Eis um admiravel artista! »

Isto, dado o caso de Raymundo haver se utilisado do pensamento d'outrem, o que não creio conscientemente o fizesse.

E que o tivesse feito, quid inde? Quem ha: tu, eu, elle, o proprio Murat, que não haja traduzido, imitado, paraphraseado, por exemplo, algum numero do *Intermaxxo* de Heina?

E d'ahi?

Dahi? com isso muito aproveitada a nossa pobre litteratura.

E nota que eu digo tradução, imitação, paraphrase; eendo, entretanto, o caso de Raymundo muito outro; pois no seu bello soneto apenas ha, se hou-

ver, a reminiscencia de uma imagem, graciosa por certo, mas perdida no meio das phraseas de um romance, aliás não muito vulgarissimo, mesmo entre gente que l'a.

En, confesso, jamais encontrei-me com M. LE. DE MAUPIN: e agradeceis a Raymundo, se fosse caso d'isso, o trabalho inapreciavel de haver posto em evidencia, no engaste doe seus admiraveis endecaasyllabos, a perola, porventura encontrada, quasi despercebida, no patrimonio do escriptor francez.

Quando Raymundo, ainda academico, apenas pronunciava o primoroso poeta que hoje é, eu disse-lhe, no *Correio Paulistano*, (cuja parte litteraria me estava então confiada,) algumas phraseas amaveis o sinceras, precedendo o soneto AS FOMBAS, não ainda, como hoje está, famoso.

Imagina, pois, quanto me andava pezando ver publicamente qualificado de espurio o documento litterario de que eu me servira outrora para apresentar o poeta aos meus leitores.

E' por isso, e pela mui grande estima em que tenho o talento e o caracter de Raymundo Corrêa, que te agradeço, Valentim, o teres acudido ao répto, vulgarisando ainda mais o corpo de delicto sobre que se baseia o libello accusatorio de Luiz Murat — o inimitavel soneto AS FOMBAS.

E d'aqui, d'este quieto retiro amado, aonde vim furtar-me de ar puro e de luz intensa, enquanto do Paralyba, murmurejando deriva, debruado de frondosos ingazeiros, pela varzea ridente, e, ao fundo da paisagem, no limpido co azul n Itatiaya svulta, sombrio e alto; d'aqui d'esta patria cidade decadente, brunquejando ns encosta, (onde Narcisca Amalia decanta e Andrade Figueira impera) d'aqui te envio — de Rezende, a bella — um grande abraço, que partirás fraternalmente em tres quinhões: — um para ti, outro para Filinto, e o terceiro para Raymundo — o intemersto.

Affectuosamente,

EZEQUIEL FREIRE.

Rezende, 1 de Junho.

VERSOS POSTHUMOS

ITERUM SARA

*Abre-me os braços teus, formosa Vaq latena,
Que repouse um avançe em seios de alabastro!
Quero doído sorver teus beijos, assucena,
N'essa varanda, á luz do merencorio astro...*

*Ao luar é tão doce o tremulo contacto
Das mãos de uma mulher que esmaia entanguescida!
A' route, filha de Eva, o amor, languido cacto,
Desabrocha sorrindo e enflora-nos a vida.*

*Vê tu que céu azul, o céu tão estrellado,
Esse que ahí se arqueia e esplende pela altura!...
Afasta do triclínio o auroo cortinado!
Apparece-me, ó Sara, e eu morra de centura!*

*Solta os cabellos teus, Niágara esplendoroso
Que vae beijar-te a onda altissima do collo:
A guitarra soluça o cantico amoroso
E eu desmaio na sombra, ó Sara, ó meu consolo!...*

*E' calmo o teu jardim; na areia da alameda
Em cascata derrama a luz os seus padres...
Que me aperte o collar dos braços teus de seda,
Cantemos a duetto eterno dos amores!*

*Abra-me os braços teus, quero esculpir com beijos
Em teus labios de fogo e seios de alabastro
O poema d'este amor inano... O' meus desejos,
Eu vos pranteio á luz do merencorio astro!...*

GONÇALVES CRESPO.

Discurso de Alexandre Dumas

(Continuação)

Victor Hugo só mui raramente apartou-se das regras tradicionaes, ainda mesmo na composição intitulada *Resposta a um acto de accusação*, na qual pretende haver subvertido a lingua. Conhecia a sua lingua muito bem; sabia melhor do que ninguém que ella

se não subverts a não ser com a terra do novo mundo, — para procurar o ouro. Foi e continuará a ser um classico, comprehendida a palavra como aqui a entendemos: autor de primeira ordem, que se torna modelo muma lingua qualquer. O que a linguagem poetica lhe deve, no ponto de vista da factura, ou, para dizer a palavra exacta, do officio, é a regra nova que impoz á rima e da qual não só nenhum poeta se pôde mais afastar, como também é certo que alguns a exageraram ste á gymnastica e ao calemburgo. E' inaudita a quantilidade de rimas até então desusadas, sonoras, scintillantes, que elle fez brilhar nos finais dos seus versos.

Como lhe cumpria, diga-se a verdade, proceder mais por imagens do que por idéas, carecia de rimas que fossem já imagens. Pôde-se ser obrigado a falar em prosa; mas ninguém é obrigado a falar em verso. Se a rima, que não traz, no fim do verso, uma admiração delicada, uma requintada sorpresa, se me não transporta sobre a sua aza, se me não deslumbra o seu raio, não paga a pena, realmente, exprimir-se o pensamento em linhaas mais curtas do que as outras. E', pois, sómente obedecendo a certas leis severas, cujo segredo o vulgo ignora posto que lhe sinta o encanto, que existe o direito de collocar a poesia acima da prosa, como se concede á mulher, em certos casos, o direito de precedencia ao homem, por causa de certas excellencias exteriores que nem sempre se dirigem sómente á intelligencia. Ha, em presença de uma bella pessoa, uma emoção dos olhos, um estremecimento particular, que não são argumentos irrefutaveis e que se assemelham um tanto á sensação que a forma poetica causa desde logo por elle mesma. Os juizes que conlemnaram Socrates podem absolver e até glorificar Phrynea; menos de dez ou quinze annos depois, Socrates é quem terá razão até á consummação dos seculos. O mesmo succederá muitas vezes com a poesia e com a prosa.

Desculpae-me, senhor, que eu tome a liberdade de tratar de uma materia em que sois mestre consummado; mas a culpa é vossa. Deixastes, para que eu dissesse, muitas cousas que terieis dito muito melhor do que eu, e o meu discurso tem de parecer, parece já demasiado extenso por tudo quanto afastastes do vosso. Não conto, para alcançar que me absolvam, senão com a minha incompetencia. Para dizer tudo, deve ter sido essa propria incompetencia o que me grangeou, de parte da Academia, a honra de vos receber em seu nome e tomar a minha parte nisso a que chamaes mui justamente a tremenda tarefa de falar de Victor Hugo. Terá visto nisso uma garantia mais da boa fé e exactidão que exige. E depois deve-se ter lembrado de que, senão pertengo á familia natural do grande escriptor, sou até certo ponto da sua familia voluntaria, adquirida. Ha entre elle e mim o que quer que seja que não existe para nenhum dos nossos collegas. Eu era ainda muito menino quando o conheci: seus filhos, mais novos que eu, um, dois annos, outro, quatro, eram meus camaradas; vinham ás vezes passar o domingo em minha casa, não sem que sua mãe se inquietasse por isso; recejava para elles a grande liberdade que eu sempre gozei, e cedo de mais talvez, mae que me ensinou muita coisa boa de saber-se, que eu talvez não tivesse conhecido a não ser assim, e quem nem todas se encontram nos livros. Os que têm sabem muito; mas os que olham sabem ás vezes mais.

Aqui onde me vê, senhor, com vinte annos de idade, dava já bons conselhos aos filhos de Victor Hugo. Fui sempre amigo de pregar moral; agora apenas é que o entro a ser menos; conveço-me de que é officio que não presta para nada. Demais, o autor do *Hernani* e o autor do *Henrique III* tinham-se conservado amigos, posto que confrades; encontrar-se-lão, nas biographias de um d'elles, por uma testemunha ocular de sua vida, e nas memorias do outro, testemunhos d'essa boa confraternidade e d'essa amizade sincera. Nasceram no mesmo anno; conheceram as mesmas misérias; arvoraram a mesma bandeira; sustentaram as mesmas lutas; teutaram a mesma revolução dramatica, o autor do *Henrique III* um pouco antes do autor do *Hernani*. Entre os meus livros: preciosos, possuo um exemplar da *Marion de Lorme* com

esta dedicatoria autographa: « Ao men bom, leal e valente amigo Alexandre Dumas. São os unicos titulos que quero invocar aqui a favor d'meu pae. Basta-lhe-hão hoje. O talento é uma bella cousa; mas ainda melhor é o character. De uma vez que tu tinhas de annunciar-me meus um acontecimento fez-te minha vida, escrevi-lhe e puz no sobrescripto estas unicas palavraa: *Victor Hugo. Oceano*. A carta chegou-lhe ás mãos, e elle commoven-se com esta homenagem, com esta imagem em duas palavraa. Quando me apresentei aos suffragios da Academia, Victor Hugo, que não tornára aqui depois de sua volta á França, cá veio para votar em mim, por amor do filho de seu velho amigo, e depois obstinadamente por amor de vos, pois votava sempre no vosso nome, fosse qual fosse o candidato. Finalmente, outros, muitos outros, em nossa companhia, teriam falado d'elle com mais eloquencia do que eu; mas nenhum o teria feito com mais respeito e ternas sinceridade. Presumo que era o que todos quariam. Eis, senhor, como me acho diante de vós. Rennimo-nos pela admiração e pela gratidão também. São os vinculos mui fortes e mais suaves para corações um pouco elevados.

Ha, em Victor Hugo, tres homens: o poeta, o philosopho, o politico.

Pouho desde já de parto o politico. Morto Hugo não ha mais tem que ver com a politica, entre nós pelo menos. Reivindicamol-o em nome das lettras, conseravamo-l-o e não o restituimos. Entretanto, cumpre-me responder a um conceito vosso que tenho por erroneo. Dizeis alguns, para o desculpar sem duvida: « Julgou-se realista e catholico ». Não se julgou realista e catholico: foi-o muito e bem e mui sinceramente, como muito e bem o mui sinceramente deixou de ser nma e outra coisa. Disse-o elle e o repetiu muitas vezes em verso e prosa; não ha, pois, que duvidar d'isto. Aliás ninguém foi, nos actos como nas obraa, mais sincero o mais convicto do que elle, sempre. O que podemos investigar, pois será um estudo psicologico de Victor Hugo apropriado a tornar comprehensivel parte de sua obra litteraria, é o porque deixou de ser realista e catholico. Para este fim, cumpre que o observador se colloque em certo ponto do vista; cumpre indagar porque creou a natureza aquelle homem singular. Creara o para cantar, por toda parte, sem obstaculo, fosse como fosse, tudo quanto pôle ear cantado. Não foi sómente um poeta, foi o poeta, o que um invisivel Deus possesso, domina e tortura; foi o instrumento, senão mui melodioso, pelo menos mais sonoro que já tem vibrado aos quatro ventos do espirito.

Que direito teriamos de lhe pedir cousa diversa da que Deus lhe deu por missão realizar no mundo?

Constituido para receber impressões e produzir canticos, obedeceu ao seu destino, como o rio que corre, como o vento que sopra, como a nuvem que passa, como o relampago que brilha, como o mar que rugir. E' o implacavel genio que só de si cuida. E' o caso de uma d'essas fatalidades originaes, monstruosas por momentos, em que alguma physiologista se fundaram para sustentar que o genio era uma forma resplandecente da loucura. Ora, Victor Hugo tem o caracter essencial, ineluctavel d'essa loucura sublimic que a sciencia não chegará nunca entretanto a inclinar na pathologia: tem a idéa fixa. A idéa fixa é simplesmente, logo que atinja a idade da razão, tornar-se o maior poeta da sua patria a do seu tempo, e, á proporção que se adiante na vida, ser o maior homem de todas as nações e de todos os tempos. D'este ponto de vista é que me parece necessario consideral-o, para comprehender-se o qns a principio se affigura inexplicavel. Aos quinze annos, concentra-se na sua cabeça, a nunca mais até morrer desce d'ella. Por isso é que ha de sempre ver as cousas de tão alto. A unidade que não existirá nos saue actos nem nas suas obraa, estará na sua vontade, que é le ferro, e que elle estenderá para o alvo a que caminha. D'esse alvo não desviará os olhos nm instante. Affasta tudo quanto pôde retardar-lhe o passo, até o que é mais natural, o que é tido como primeiro ideal de todos os homens e primeira inspiração de todos os poetas: o Amor.

Posteriormente, quando cantar o amor como ha de cantar tudo que é da

natureza, não se poderá citar, em toda a sua obra lyrica e dramatica, um verso, um só que seja, um verdadeiro extase ou um verdadeiro grito. Não se entrega nunca. O primeiro que ha de encher a vida de Musset e que ha de inspirar tão magnificamente, deixa Victor Hugo insensível, quanto à alma pelo menos. Muitas composições, em que a ausencia de data pode tor-se como confidencia ao leitor, apenas resoam, em sua forma deslumbrante, como moedas d'ouro atiradas por mão que não conta, na escarcela de uma formosa esmoladora. O coração na-lhe tem com isso. Aquelle Jupiter fez ás vezes aos amouros terrestres a concessão de se transformar em cygne ou em touro para se tornar visível e comprehensivel a creaturas mortaes, para demonstrar a sua grande e a sua força, para descançar um momento dos seus trabalhos e da sua grandezza; mas só amou verdadeiramente uma mulher, unica que podia satisfazer aquelle varão prodigioso: a gloria!

Depois, amou a liberdade, ardentemente, para si, e para os outros, coisa rara, porque comprehendeu que só a liberdade podia dar-lhe a gloria tal qual a queria, e que um máo poeta não podia aspirar a collocar-se acima de todos, senão numa sociedade democratica eu que não existem as hierarchias convencionaes e as supremacias de nascimento e de tradição.

Repudiou a Monarchia e o Catholicismo, porque n'essas duas formas social e religiosa do Estado, teria tido sempre, inevitavelmente, alguém acima de si. Houvera aceitado a monarchia se podesse chegar a reinar; teria perseverado no catholicismo, se houvesse podido chegar a ser papa, a reunir em si o papa e o imperador, as duas metades de Deus, como diz no *Hernani*.

Acompanhou-o no desenvolvimento logico do seu ideal terrestre. No final do prefacio de *Marion de Lorme*, diz: «Porque não viria um poeta que estivesse para Shakspeare como Napoleão está para Carlos Magno?»

A imagem de Napoleão persegue-o, perturba-o e inspira-o cada vez mais. Porque? Porque Napoleão é a incarnação da maior gloria que o homem póde pretender. O poeta precisa duma gloria equivalente a essa, incluído o martyrio, se é necessario o martyrio à realização de semelhante gloria. Tentou primeiramente apagar a grande imagem de Napoleão da memoria da França; mas, como nem elle nem ninguém o poderia conseguir, cantará a gloria d'aquelle que não poderia tornar esquecido. Será esse o seu meio de o egualar, de o exceder talvez. Homero não é hoje maior do que Achilles?

Então succedem-se as odes à glorificação de Napoleão: odes à columna, a Napoleão II, onde se encontra este verso já demais esquecido:

Oh! n'azilons personne! oh! l'azil est impie!

Odes ao Arco do Triumpho, ao regresso das cinzas do imperador, e tantas outras. Elle, sempre elle.

Finalmente, quando por sua vez é também exilado, e escolhe Guernesey que será a sua ilha d'Elba donde se volta ou a sua ilha de Santa Helena onde se morre, mas onde, seja como fór, elle será isolado e remoto, mais alto no horizonte, como o quer sempre ser, do que todos os seus companheiros de exilio, quando estiver u'aquella ilha a que, se não se vem expressamente para vel-o, nunca mais se poderá ir sem pensar n'elle, escreve o livro sobre Shakspeare, onde faz a enumeração dos eternos grandes homens, e diz:

«A diminuição dos homens de guerra, de força e de rapina, o augmento indefinido e magestoso dos homens de pensamento e de paz, a volta ao presente dos verdadeiros colossos, — é um dos maiores factos da nossa grande epocha.»

Napoleão já não é, para elle, senão Bonaparte; decididamente não foi mais que um assumpto de poema. Eis o poeta, só, entre o mar e o céu; eil-o a embriagar-se de ambição solitaria, a inebriar-se de immortalidade preventiva, a acreditar que é o grande feiticeiro do mundo, o unico arbitro da consciencia humana. Não está mais em Santa Helena como Napoleão; vê-se no Sinai, como Moysés, na montanha como Jesus, em Pathmos como S. João; sabe o segredo do infinito, julga saber-o e o diz:

«O poeta é sacerdote. Ha na terra um pontífice: é o genio.»

Só lhe falta acrescentar: «O genio sou eu». Não o diz; mas entra firmemente a crer que o mundo o dirá.

Chega 1870. As suas ultimas convicções triumpham; teve, pois, razão de as professar; foi, pois, o *vate* antigo. Desaba o throno, periclitou o altar, vacilla o papado, estremecce o velho mundo social. O poeta que fulminou como Juvenal, que prophetizou como Isaías, volta à patria.

Acabada a guerra, feita a paz, torna-se o poeta o idolo da multidão. E' ouvido como um oraculo, aclamado como um rei, festejado como um santo. Chamam-lhe Mestre; chamam-lhe Pae. O anniversario da sua primeira peça é celebrado no theatro; o anniversario do seu nascimento é celebrado na cidade. Dão-se férias nos collegios; são agraciados réos nas prisões. Os que admiram este homem ajoelham-se; os que o não admiram callam-se. Parece convencional que o não discutirão mais, enquanto viver. E' a nossa gloria nacional; vive numa aclamação incessante. Quando a morte o ameaça, a multidão inquieta enche-lhe a rua. Centenas, milhares de homens e de mulheres d'esse povo que elle exaltou até nos seus erros velam a noite diante de sua porta; o mundo inteiro pede noticias. A sua morte é um lucto publico. Interrompem-se os negocios; suspendem-se os estudos; lança-se um véo negro sobre o Arco do Triumpho, por se não poder lançar sobre a cidade toda.

Os «dragões gudealhudos» de tochas em punho, guardam em vigília o corpo. O immenso murmuro de uma população que se não deita substitue a oração de humilde padre e embala a alma do poeta como tantas vezes o Oceano lhe embalou o espirito e lhe fez rythmo ao pensamento. Afasta-se Cezar para lhe erguer um altar; despede-se uma sancta para erigir-lhe um túmulo. Mais de um milhão d'honiens formam sequito ou formam alas ao carrinho dos pobres, derradeira antithese do poeta, seguido de enormes carros carregados de corôas cujo numero e cujo peso gastaram os degraus do Pantheon.

E, ontretanto, em me recorde de que sete pessoas somente, em cujo numero eu estava, partiram de Paris para acompanharem até ao cemiterio de Saint-Point o autor de *Jocelyn* e da *Quêda d'un anjo*, e trinta e trez fieis apenas, em cujo numero eu estava ainda, seguiram até ao Père Lachaise o auctor de *Rolla*, das *Noites* e da *Esperança em Deus*!

(Conclue no proximo numero.)

OUVINDO BEETHOVEN

27ª SONATA — OP. 13 nº 1

Quando os teus finos dedos ao teclado Ebu neo arrancam as celestes ootas Dessa musica extranha, sou levado De um triste sonho ás regiões ignotas.

Deixo o mundo; só tu vens ao meu lado, Tu somente; e, deixando em baixo grotas, Cidades, montes, prados, fujo, alado, Da phantasia pelas invias rotas...

E um sol que morre, vejo, e — como ás veigas Os vagalumes vão — vão despootando Estrellas pallidas no ceo profundo,

E eu ouço, ootão bem perto, as vozes meigas, Em surdina, de estrellas cooversando Sobre as ootas tristissima do uando...

Rio — Maio 87.

RODRIGO OCTAVIO.

MAXIMAS DA VIDA

«Meu caro Valentim. Acabo de ler um livrinho precioso, que trazia commigo, quando, ha dias, estivemos juntos em casa do nosso querido Raymundo Correia. Creio mesmo que d'elle lêmos alguns trechos, os quaes prometti traduzir para a *Semana*.

O livro é firmado pela Condessa Diana,

pseudonymo, talvez, de uma mulher de muita modestia e de muito espirito.

Preficia-o u'uma bella pagina de Sully Proudhomme, concetivosa e elegante.

Na impossibilidade de dar aqui todo o prologo do illustre academico, transcreverei apenas um trecho d'elle:

«Vordade é que não intentastes eompôr uma obra.

Quizestes reunir, ao acaso e sem conexão, as vossas observações sobre a vida. O escriptor de profissão não procede assim; não publica uma colleção de seus pensamentos: evita divulgar de uma só vez o thesouro de sua experiencia: amontôa-o com mysterio e com ciúme, para o espalhar successivamente, a pouco e pouco, em uma série de obras, de novellas e de romances, por exemplo.

Elle põe em acção, para captivar mais e por mais tempo o leitor, os traços de caracter e de costumes recolhidos, dia a dia, em redor de si.

Mas vós, minha senhora, não vos obrigastes a tanta economia e a tanto artificio.

Não é à imaginação que vos dirigis para seduzir a curiosidade. Sômente vos lerá aquelle que, diante os automatismos, prefere ao espectáculo de seus gestos o conhecimento das mólas interiores e cuidadosamente dissimuladas que os agitam.

A alma humana vos preoccupa mais que a scena em que ella se exhibe. Entretanto, não a estudastes à maneira dos psychologos; não a entendestes como um cadaver anonymo, sobre a mesa de dissecação.

Vossas observações foram para a alma viva, surprehendendo-a em suas variedades individuais para analysar-lhe os moves; e por isso vossas reflexões são praticamente mais uteis que os trabalhos dogmaticos sobre sua essencia.»

Effectivamente, Sully Proudhomme faz justiça ao primoroso trabalho da distincta escriptora.

D'elle ajuiza, meu presado Valentim, pelos trechos que te envio. Verás que as *Maximas* da Condessa Diana não são inferiores ás do Visconde de Araxá, de saudosissima memoria, nem ás *Idéas de todas as côres* do nosso primoroso escriptor Urbano Duarte.

E note-se que as observações d'estes dous ultimos são superiores ás de muitos philosophos que andam em não sei quantas edicções c'tem retrato e biographia nos dictionarios universaes de litteratura...

Mas vamos ás *Maximas* da Condessa. Ahi teus algumas, tradusidas ao acaso, e... ao correr da penna:

O mundo, que se deixa levar pelas apparencias, nada reconhece sem ellas: — para elle não ha soffrimentos sem lagrimas, piedade sem pratica, miseria sem andrajos.

Decididamente os hypocritas tratam o mundo como elle merece ser tratado.

A calunnia é como a moeda falsa: — muita gente que teria recio de emitilla, fal-a circular sem escrupulo.

As feridas feitas pelos indifferentes não deixam cicatriz.

Quem esquece, perdôa; quem perdôa, vae tratar de esquecer.

Se uma mulher distingue um homem, elle se põe logo a pensar bem de si e inal d'ella.

A belleza é o dom de ser agradável sem ter trabalho: — passando.

Nunca esquecemos aquelles a quem amamos; — o coração não tem distrações.

A vida é o caminho que conduz á morte: — um eaminho que faz esquecer o fim.

O pudor é a modestia do corpo.

A vaidade dos tolce autorisa o orgulho dos homens de espirito.

A earidade do pobre é querer bem ao rico.

A ausencia só mata o amor quando elle já estava doente na occasião da partida.

Nós sacrificaríamos o genero humano por aquelles que amamos absolutamente; elles entraram connosco no circulo do uosso egoismo.

A peor das injurias é aquella que a dignidade prohibe esquecer.

O homem consola-se de muitas dôres: a coragem começa a obra, o habito a continúa, o tempo a conclue.

Eu não temo a Deus, desde que elle sabe tudo.

Se aquelles que fingem ter má opinião a seu respeito fossem sinceros, não ficariam admirados de encontrar nos outros essa mesma opinião.

Quem não teme a morte teme a vida.

E' raro que um rico deixe sua fortuna a um pobre: — elle adora o seu ouro, quer deixal-o em boa companhia.

Costuma-se fazer repetir uma pergunta indiscreta; — é para ganhar tempo.

Se ha alguma cousa que a gente peça, sem querer obter, é o ensejo de provar sua dedicação.

Antes amar que ser amado porque se escolhe.

E...adeus. Acredita-me sempre amigo e admirador,

ALFREDO PUJOL

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O 48º earão-concerto que o Club do Engenho Velho realisou na noite de 28 do mez passado foi u'uma festa encantadora.

Para abrilhantal-a nada faltou: luzes, flores, perfumes e um bello sexo, verdadeiramente bello e elegante.

As danças, que foram muito bem executadas, seguiram-se as danças que só terminaram quando a aurora veio anunciar que o dia estava ás portas do Oriente. (Bonito!)

Bellissima festa!

Esteve muito animado e concorrido o sarão-concerto que o Club Hebe deu no sabbado ultimo. Ouvio-se boa musica, dansou-se, e todos, convidados e socios, retiraram-se cbeios de saudades, por tão excellente reunião.

LORGNON

FALA!

Fala-me assim, querida! Mais! Que ignôto Doce perfume a tua bocca exhalat Nem um suspiro no arvoredo nôto: Para te ouvir a viração se cala.

Canta-me n'alma a tua voz. Remôto O passado esqueci. Meu ser embala Nesta harmonia... Como tudo é immôto!.. Fala ainda mais! Oh! fala! fala! fala!

Cantam deuses o espazo atravessando; Rôta o mar sobre a areia u verde crina Suavemente de amores descantando.

Subito, ao som de tua voz divina, Dos deuses, em tropel, se aquida o bando, Vencido o mar a larga fronte inclina.

BERNARDO DE OLIVEIRA.

A VIOLETA E O CYPRESTE

Era simplesmente uma *aggregada* da casa do commendador.

Orphan aos treze annos, a pobre menina foi recolhida, por parentesco remoto nas sobretudo por caridade, ao lar do rico.

Não se pôde dizer que ella fosse precisamente bella, na accepção plastica ou picturistica d'este vocabulo.

Mas «—sympathia é quasi amor» — como disse um poeta, Mathilde era a creatura mais amavel d'esto mundo de Christo.

A sua modestia não era um falso sentimento; ignorava absolutamente o sentido da palavra — vaidade — e jamais lhe perpassou na mente a idea de ser melhor do que quem quer que fosse.

A sua innocencia, a ignorancia da maldade humana nunca foram perturbadas por certos incidentes aliás communs na vida das donzellas.

Transpoz a perigosa idade da adolescencia e da puberdade sem soffrer os sobresaltos dos gritos da carne; e em plenitudinidade da vista dos homems apenas lhe despertava uma emoção extremamente vaga do amor carnal.

Quando algum rapaz bonito a devorava com os olhos, enrubescia mais por timidez pueril do que de pejo sexual.

A familia do commendador a tratava com dogura, mas aproveitava em demasia o seu prestimo para todos os serviços domesticos.

A pobre menina mourejava de manhã á noite num labor insano, cuidando das croanças com evangelica paciencia, arrumando a casa, engommando, cozendo, ajudando a cozinha, um tudo.

Como a sua bondade era inexgot vel abusavam d'ella.

Mathilde nunca teve um gesto de vaidade, porque não sabia negar-se áquillo que lhe pediam com bons modos.

Tanto assim que não soube dizer — não — ao Sr. Barbalho, quando este lhe foi perguntar se queria casar-se com elle.

O Sr. Barbalho era um velhote sexagenario, rinchitico, amarello, carcomido pelo tempo. Duas vezes viuvo, abastado, e já chegado ao pólo norte da vida, foi achacado d'esta mania, — menos rara do que se pensa, — de querer desposar uma *franguinha* de quem poderia ser avó.

Excusava-se d'este capricho serodio, allegando precisar de uma companheira que suasiasse os seus ultimos dias, que o libertasse dos cuidados mercenarios de uma cazeira, e á qual legaria o seu nomeje as suas economias.

Casaram-se.

Mathilde ignorava, e creio que ainda hoje ignora, qual o verdadeiro fim do casamento. O Sr. Barbalho, com os seus cinco dentes esverdinhados, os seus beiços mucilaginosos e frios, a sua pelle pergamentica, o seu olhar amorfo, não está em condições de lhe fazer preleções sobre o magno assumpto.

Os seus beijos fazem-lhe, máu grado seu e apazur dos impulsos generosos da sua natural complacencia, passar um calefrio de horror na medulla.

Todavia ella consegue dominar esta repugnancia e corresponde aos carinhos do valetudinrio com seus grandes olhos espaatados de esposa virgem.

São casados ha um anno, e as cousas continuam no *statu quo ante bellum*.

A imaginação tetrica do grande florentino não occorreu este genero de supplicio:

O idyllio do berço com o tumulto; as nupcias da violeta com o cypreste, os esponsaes de um a estrella com uma nunia.

Povera fanciulla! DUO.

THEATROS

PHENIX DRAMATICA

O estimado actor Alfredo Magna, actualmente impossibilitado para o trabalho, pois que o persegue enfermidade pertinaz, tenciona fazer beneficio,

a 13 do corrente, n'este theatro, com um spectaculo cuidadosamente organiado. Fará parte do programma o applaudido drama *As mulheres de marmore*.

Ao generoso publico fluminense pedimos corresponda no apello que lhe dirige o actor Magno.

Com *As mulheres de marmore* fez honrem beneficio o actor Galvão. O theatro estava cheio e o beneficiado foi muito applaudido e victoriado.

RECREIO DRAMATICO

Ensaia-se o *Keen* para beneficio do actor Dias Braga, que deve ter logar brevemente.

LUCINDA

Dá-nos em *reprise* o *Mercurio*, enquanto não conclue os ensaios dos *Tres mosqueteiros*,

P. TALMA.

VINTE ANNOS!

A RODRIGO OCTAVIO

Vinte annos! De versos cheia a mente
Cheio o peito de ardor tumultuoso;
O olhar uma caricia a vós, miúdo
Arrullo colombine—doce e quente.

Assim és tu. Ouvia-le sequioso,
Tantalo do ideal allí presente;
A lua alma jorrava inconsciente
Na minh'alma um clarão puro, formoso!

Vinte annos assim, são vinte annos!
São o perfume que desprende a flor!
A borboleta que o castillo deixa!

Esse teu craneo embryonando planos
N'um só formoso ramilhete enfeixa:
— Do verso o idyllio e da mulher o amor!

Maio 87.

GUIL. MAR.

FACTOS E NOTICIAS

Está ba alguns dias na Côte o illustrado medico sergipano Dr. Souza Leite, que veio de Paris, onde reside ha quatro annos, passar algum tempo no Brazil, devendo regressar em seguida á capital da França.

O nosso illustre compatriota exerce um logar de interno—que obteve por concurso—nos Asylas de Alienados de Paris; tem ali collaborado em varios jornaes de medicina e é honrado com a estima do sabio Dr. Charcot. Para mostrar o merecimento do Dr. Souza Leite, bastará dizer que o seu nome tem sido varias vezes citado em obras sobre molestias nervosas e mentaes.

Segue hoje para Ouro Preto, como encarregado da Enfermaria Militar, o 1º cirurgião do Corpo de Saúde, delegado da Junta de Hygiene no municipio da Estrella, Dr. Atabaliba A. Franco, que por mais de 10 annos foi encarregado da Enfermaria da Fabrica de Polvora da Estrella, na Rniz da Serra de Petropolis, onde clinicava.

Os Srs. Bernardes e C., estabelecidos na rua da Uruguayana n. 52, offereceram-nos uma garrafa de leite de Campo Bello.

Tomámol-o, saboreámol-o e declaramol-o excellente—para todos os effeitos.

GREMIO DE LETTRAS E ARTES

Com o concurso de muitos socios, notando-se dentre elles os Srs. Machado de Assis, Arthur Azevedo, Cyro de Azevedo, Valentim Magalhães, Alfredo de Souza, Rodrigo Octavio, Moraes e Silva, Bernardo de Oliveira e Aurelio de Figueiredo, realiso este Gremio na quarta-feira ultima a sua 5ª sessão litteraria.

Rodrigo Octavio apresentou o seu novo livro de poesias *Poemas e Idyllios* e d'elle fez leitura de alguns bellos trabalhos, que muito agradaram.

Aurelio de Figueiredo, o elegante pintor, nos deu delicados souetos da sua lavra.

Moraes e Silva lou duas bonlitas poesias: *Entrevista e Visão*.

Esta é uma composição originalissima, bem feita e inspirada.

Agradou immensamente. Arthur Azevedo fez leitura de um soneto *Velho Typo*. É um trabalho burmorfistico, e elegantemente cinzelado.

Oscar Rozas fez tambem leitura de dous trabalbos seus: *Soneto e Na Praça*. Foi uma sessão magnifica.

Na sua proxima sessão litteraria serão lidos trabalbos pelos Srs. Machado de Assis, Valentim Magalhães, Moraes e Silva e Cyro do Azevedo, que apresentará a sua comedia: *Daura*. A estes nomes unir-se-ão outros de conhecidos escriptores.

Do dia 6 a 21 fará o Gremio a sua primeira exposição artistica com nas bellos quadros de Antouio Parreiras.

Com um numerozo concurso de membros do partido conservador inaugurou-se no dia 26 do mez findo na casa n. 4 B do Largo de S. Francisco de Paula o *Club Central dos Conservadores*. A sua directoria é formada pelos seguintes Srs.: Sadock de Sá (presidente), commendador Neiva (thesoureiro) e Cardoso de Almeida (secretario).

TRATOS Á BOLA

Os meus *topetudos* irmãos *Pepe, Fricinal Vassico, Josephina B. e Valerius Madilena* metteram o dente nas minhas *traticos* do numero passado.

O premio pertence a *Pepe, Felizardo!* Abiscoutou-o por ter ndado mais depressa. Ah!, *topetudo*, cebo nas canellas!

Eis as decifrações: *Mediterraneo, Cecilia, Pardal, Carapina e Cata-preta*. Agora espavitem a bola, que nli vão uns tratos capazes de endoudecer... Não acreditem nisso! São de matar-se no ar. Vejam.

LOGOGRIPO (por letras)

« Quantas pennas tem a ave, — 4, 3, 2, 1.
« Que paira no azul do céu?... — 8, 7, 6, 5.
« Pois olha, mulher querida,
« Mil vezes
« Mil vezes te adoro eu. »

Oidivo

DECAPITADA

Esta morada no morro—e este som— no alphabeto—o que vem a ser?

ANTIGAS

I
E' verbo, não da Persia,
Mas verbo da cabeça;
Porp trocae a tercia
Vos cobrirá — 2
E certa bicha, crêde — 2
Que, embora estronde e cresça,
De certo a vossa sede
Mitigará

II
Constantemente escorrendo — 2
O pranto... (não vés no filho) — 1.
Este homem vae vivendo
Num verdadeiro sarilho.

III
Em conhecido verso de Camões — 3
O adverbio de logar — 1
Haveis de vela, em muitas occasões,
Mover-se e trabalhar.

E adeusinho.

FREI ANTONIO.

CORREIO

— Sr. Joaquim Bello. Talvez que V. S. o seja, mas o que com certeza nada tem de bello, é o seu artigo intitulado *Prisoes. Horresco!* Não o publicamos por ser grande e triste; triste como um dobre a finados.

Comndo entendo que nada perderá estudando. Muito pelo contrario.

— Sr. O poeta dos *poetas modernos*. Que assignatura a-naticu, tanto Deus! As suas poesias *Par quem?* e *Quem sou eu?* litterarian perfectissima, não aquil, mas sobre o balcão de uma taberna, para servirem de envolvero a nacos de sabão e a pedaços de fumo de jacá.

— Sr. D. Julia. O seu artigo vel-o-á na *Collaboração*.

Pedimos-lhe, se continuar a mandar-nos artigos, que não enlita as tiras de um e nutra-lhe; que escreva somente numa face do cada tira.

Enquanto ao titulo de seus escriptos, entendo que lhe fica bem o antigo de *Contos singelos*. Disse somente que traziam á lembrança o titulo *Prozas simples*; mas isso nada quer dizer, e ha, de mais a mais, muita differença entre um e outro.

— Sr. *Jonkopings-assu*. Realmente, em litteratura, o Sr. não pôde passar de um phosphoro.

Começa o Sr. na sua carta: «Dizem por todos os cantos d'este brazileiro torraço que o jornal que VV. SS. redigem é o unico essencialmente litterario, como o supradito torraço o é agricola.» E acrescentamos nós: E o Sr. o é bate-carreiras, quero dizer, bate-sonetos.

Oh! seu Assu, faz o favor de largar o que lhe não pertence?

Moleques de todos os tamanhos, trocistas, garotos de todas as esquinhas, metter os dedos na boca e assobiar-lhe ás botas (leia-se ferraduras!) Pondura-lhe á cauda uma lata de keroane, penduraa-lhe a um dos pés uma carta de fogo da China e fazel com que elle corra por essas ruas afora, nõessado pelo estufiar dos bus-a-pés e por esta phrase terrivel gritada a uma só voz:

« Pegn o filante, pega! Largá o soneto que é de Bocage!... Enlarinhue as bochechas d'este *Milambandamba!* Olha só o Assu a querer deitar estrophes bocagianas!

Como se todo o mundo não conhecesse o soneto do grande poeta. Como se este verso não estivesse a saltar aos olhos de todos e a fazer-lhe o corpo de delicto:

« *Bate horror sobre horror no Pensamento,* »
O que deveis fazer, poetaastro, além de por á cabeça uma corda feita de rsetas de esporas, era empunhar como sceptro, na qualidade de rei dos plagarios, aquelle que serviu de assumpto a um dos sonetos de Elmano, e uno era marmelleiro.

Vá com esta.

ENRICO.

RECEBEMOS

— *Relatorio e Balanço* apresentados pelo Dr. J. C. Borges Junior á Directora de companhia União Valenciana.

— *Vergontes* — Poesias de Juvenal Martins.

— Fasc. n. 2.

— *O Occidente* — n. 301 (Portugal) Sciattillante e de agradabilissima leitura.

— *A Tropa*, ns. 1 e 2. É um novo jornal litterario e artistico que se publica no Pará.

— *Desajamos-lhe longa e espediente via.*

— *O Tentamen*, 1 e 2. Publicação semanal que apparece na cidade de Campos. É orgão litterario, recreativo, noticioso e commercial.

— *Mil prosperidades*.

— *Da casa Au Petit Journal* os ns. 18 e 19 do *Salon de La mode*, e 8 do *Printemps*; jornaes de modas.

— *Canticos Infantis*. É uma colleção de hymnos expressamente compostos e traduzidos por... para o *Jardim da Infancia* no collegio Menezes Vieira.

— *A Selection*. Colleção de escolhidos versos em inglez para exames na Instrucção Publica; habilmente organizada por Corine Coaracy.

ANNUNCIOS

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos ingleses e francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

PRADO VILLA-IZABEL

PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 5 DE JUNHO DE 1887

1º pareo—**Conciliação**—1000 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Fellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Ondina.....	Tordilho...	3 ans	S. Paulo...	49 kil.	Azul e amarello.....	J. M. da Rocha.
2	Verhena.....	Castanho ..	4 »	R. de Jane..	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Guacho.....	Chita.....	3 »	Rio Grande.	52 »	Preto branco e encarnado.....	A. M. C.
4	Rigoletto.....	Zaino.....	5 »	Paraná	55 »	Azul e branco.....	S. V.
5	Canagallo.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Preto e encarnado.....	Fontes & C.

2º pareo—**Productos**—1000 metros—Poldros e Poldras nacionaes de 2 annos até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Pensativo.....	Gateado....	2 ans	Paraná.....	45 kil.	Verde, branco e encarnado.....	Coud. Excelsior.
2	Sensitiva.....	Tordilho... 2 »	»	R. de Jane..	44 »	Grénat e ouro.....	B. V.
3	Juanita.....	Baio.....	2 »	Idem.....	44 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
4	Corcovado.....	Castanho... 2 »	»	Idem.....	45 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
5	Berénice.....	Alazão.... 2 »	»	Idem.....	44 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
6	Nair.....	Tordilho... 2 »	»	Idem.....	44 »	Ouro, mang. e boné azul.....	Coud. Alliança.

3º pareo—**Villa Izabel**—1450 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue e de puro sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Intima.....	Castanho... 5 ans	S. Paulo..	50 kil.	Grénat e lyrio.....	D. A.
2	Biscaia.....	Alazão.... 4 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Macaréo.....	Idem..... 5 »	Idem.....	54 »	Azul, ouro e facha.....	Idem.
4	Régina.....	Castanho... 4 »	Idem.....	49 »	Grénat e mangas azues.....	Idem.
5	Druid.....	Tordilho... 4 »	R. de Jane..	59 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.

4º pareo—**Suburbano**—1450 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Mastin.....	Castanho .. 4 ans	França....	54 kil.	Grénat e violeta.....	A.M. Pinto.
2	Madama.....	Idem..... 4 »	Idem.....	52 »	Ouro e preto.....	F. Schmidh.
3	Le-Loup.....	Preto..... 4 »	Idem.....	54 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacioal.
4	Dr. Jenner.....	Zaino..... 4 »	R. da Prata	52 »	Grénat e ouro.....	I. S.
5	Coupon.....	Alazão.... 4 »	França....	56 »	Azul, branco encarnado.....	Coud. Cruzeiro.

5º pareo—**Omnium**—1000 metros—Animas de 2 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Rapid.....	Caatanho .. 2 ans	Inglaterra..	48 kil.	Encarnado preto e branco.....	Vianna Junior.
2	Apollo.....	Alazão.... 2 »	R. da Prata	48 »	Azul e grénat.....	F. R. M.
3	Ormonde.....	Zaino..... 2 »	França....	48 »	Perola e grénat.....	A. Vianna.

6º pareo—**Omnibus (Handicap)**—1609 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Mirzador.....	Zaino..... 4 ans	França....	55 kil.	Ouro e preto.....	F. Schmidh.
2	Speciosa.....	Alazão.... 5 »	Inglaterra..	45 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacioal.
3	Satan.....	Castanho .. 4 »	França....	62 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
4	Diva.....	Alazão.... 4 »	R. de Jane..	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

7º pareo—**Consolação**—1800 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Chapécó.....	Castanho .. 3 ans	Paraná	48 kil.	Branco e estrellas azuas.....	Coud. Guanahara.
2	Ondina.....	Tordilho... 3 »	S. Paulo..	47 »	Azul e amarello.....	J. M. da Rocha.
3	Mondego.....	Castanho .. 4 »	Idem.....	51 »	Idem idem.....	M. Soares Ferreira.
4	Americana.....	Tordilho... 4 »	R. de Jane..	49 »	Idem idem.....	Idem
5	Caporal.....	Alazão.... 4 »	S. Paulo..	51 »	Grénat e branco.....	Coud. Integridade.
6	Baccarat II.....	Gateado.... 4 »	Idem.....	51 »	Azul e branco.....	F. J. C.
7	Villa-Nova.....	Zaino..... 4 »	Paraná	49 »	Azul branco e amarello.....	Coud. Esperança.
8	Miden.....	Rosilho... 3 »	Idem.....	48 »	Azul e branco.....	S. V.
9	Condor.....	Castanho .. 3 »	S. Paulo..	48 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.

OBSERVAÇÕES

As corridas, principiando ao meio dia em ponto, os animas inscriptos no primeiro pareo devem achar-se no ensilhamento ás 11 horas precisas.

RAUL DE CARVALHO, 2.º Secretario interino

O pessoal dos portões deverá procurar seus cartões de admissoão no dia 4, das 4 ás 6 horas da tarde.

PAIVA JUNIOR 1º secretario.

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchitos, escrophulas, rachitis, anemia, debilidad em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas, e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confectarias.

CAMPOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio, todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. 4ª Semana, rua de Caxias n. 38, sobrado